

NO BOM CAMINHO

Agora que Junqueiro já repousa ao lado de Alexandre Herculano, a cuja memoria dedicou a sua primeira obra de grande tomo, *A Morte de D. João*, creio licito acentuar a importancia de um facto, a que deu origem o culto do seu privilegiado genio, e a que a attitude de determinados elementos não conseguem tirar a importancia que realmente lhe compete.

Esse facto foi a da manifestação de quanto tem avançado entre nós, contra os extremismos sectaristas, que se tingem de negro ou de vermelho, sem que deixem de ser irmãos, embora desavindos e apesar da differença das côres, aquele espirito de tolerancia pelo qual não podem deixar de se reger as sociedades que seguem na marcha do progresso, reivindicando os direitos da liberdade.

Com effeito, á parte as excepções a que alludi, diante do feretro de Junqueiro a intolerancia que em tôrno do ideal religioso é de uso patentear-se, curvou-se, cedeu, humanizou-se. Nem a Igreja quis inquirir do passado anti-clerical do poeta, que nem só na *Velhice do Padre Eterno* se revelou, nem os descrentes se sentiram obrigados a sacrificar a gloria de Junqueiro á recente affirmacão dos seus principios religiosos, dentro das doutrinas cristãs que o catolicismo serve e propaga. Este espectáculo é de molde a alentar-nos na convicção de que não tarda o momento em que desapareça o equivoco, mantido pela ignorancia ou a má fé, segundo o qual entre as convicções politicas mais avançadas e as crenças espirituais definidas em qualquer religião forçosamente deve existir uma absoluta incompatibilidade.

Junqueiro acreditava em Deus. Acreditou sempre. Acreditava na immortalidade. Acreditou sempre. Isto está na propria *Velhice do Padre Eterno*. Ultimamente declarou que repudiava os ataques excessivos que vibrara contra a Igreja Católica, no livro a que acabo de me referir. Tudo isto é absolutamente certo, como é certo que desejou que o seu enterro fôsse religioso, dentro do rito católico. E' verdade. Mas não é menos verdade que Junqueiro não era um católico.

N'um artigo, ha dias publicado, o sr. Luís de Magalhães, testemunha bem insuspeita, não duvida declarar que Junqueiro, com quem falou nas vespersas da sua vinda para Lisboa, lhe dissera: «Estou quasi católico». Se estava quasi católico, é porque ainda não era católico. Eu posso acrescentar a esta declaração uma outra, porque falei com Junqueiro, largamente, já em Lisboa, isto é, depois do poeta pela ultima vez se ter avistado com o sr. Luís de Magalhães, e ouvi-o declarar que não acreditava na divindade de Jesus. Acreditava que Jesus era um santo, um mensageiro de Deus, mas não que fôsse o proprio Deus. Não acreditando na divindade de Jesus, como podia ser um católico?

Devo acrescentar, com toda a lealdade, que nas palavras de Junqueiro notei o vivo desejo de vir a acreditar nessa divindade. A crença, porem, de Junqueiro era raciocinada; ele não dava um passo no caminho espiritual sem aliar a fé á razão. Podia, pois, vir a ser um católico? E' possivel; mas o que é certo é que o não era ainda. Todavia a Igreja deu-lhe os seus piedosos sufragios, e fez bem, embora na realidade não os desse a um dos seus fleis. Este acto de tolerancia, que no fundo foi um acto de justiça, porque não seria justo repelir uma alma evidentemente sincera, e que procurava a verdade, representa alguma coisa, porque não devemos esquecer que ainda ha bem poucos anos o clero em Portugal se distinguia pelo seu espirito manifestamente reaccionario e exclusivista.



Mas se a Igreja procedeu com um sentimento de tolerancia para o qual todos os louvores são devidos, não devemos esquecer tambem os livres pensadores, que não acreditando nas religiões, não levaram as exigencias do seu livre pensamento até querer excomungar a livre crença dos outros. Quantos livres pensadores, sendo patriotas e republicanos, não viram em Junqueiro senão o patriota e o republicano, gloria da Patria e da Republica! Que tinham elles com o facto de Junqueiro nutrir crenças religiosas? Evidentemente, nada. Por isso não me admirou, o que não quer dizer que não mereça um justo preito a attitude de Magalhães Lima, grão-mestre da Maçonaria Portuguesa, republicano de principios, apostolo do livre pensamento, fazendo um turno na igreja da Estrela, sem que isso em nada affecte as suas opiniões em materia religiosa. E o mesmo direi dos elementos do Partido Democratico e do Partido Radical, que representam as esquerdas da Republica, assumindo uma attitude semelhante. No Partido Radical até houve, no seu Congresso, quem se lembrasse de proscriver todos os republicanos que professassem uma religião. A prova de que tal opinião não representa a do novo partido está na sua participação official nos funerais dêsse republicano que determinara que os seus funerais fôsem religiosos.

O grande poeta prestou assim ainda um serviço áquella verdade em que constantemente, durante a vida, fixou enamoradamente os olhos. Dentro da verdade estão todos os que estão dentro das puras normas da liberdade e do direito. A fé só com a liberdade é admissivel, a mesma liberdade que deve garantir a descrença. E com a fórmula do direito não ha problema que se não resolva, equivoco que se não desfaca, quando se procede com sinceridade dentro dos principios que regulam as aspirações de todas as consciencias, realmente desejosas de acertar.

MAYER GARÇAO

O BRASIL

perante a morte de Guerra Junqueiro

O sr. dr. Felix Pacheco, illustrado ministro das relações exteriores do Brasil, enviou o seguinte telegrama ao ministro dos negocios estrangeiros :

A morte de Guerra Junqueiro constitue tambem uma enorme perda para o Brasil. A sua grande lira cheia de maravilhosas ressonancias era prezadissima entre nós. A impressão de tristeza por esse desaparecimento durará largamente nas duas Patrias que falam a bela lingua portuguesa em que ele escreveu os seus poemas imortais. Digne-se v. ex.^a receber a expressão do meu profundo pezar por esse rude golpe que Portugal acaba de sofrer e que sobremodo punge igualmente o Brasil.

Em resposta, o sr. dr. Domingos Pereira dirigiu ontem o seguinte telegrama ao sr. dr. Felix Pacheco :

As palavras repassadas de emoção com que v. ex.^a quis participar na dor imensa de Portugal pelo desaparecimento do nosso grande poeta Guerra Junqueiro encontram profundo eco no coração de todo o povo portuguez. De sobra compreendo e avalio o sentimento que v. ex.^a exprime O Brasil pranteia Junqueiro como ainda na pouco Portugal pranteou Rui Barbosa. Intellectum auct.